

Assimetrias — mito e realidade

Por Lourenço do Rosário *

Savana
4/2/00

Ao longo da minha vida activa e intelectual, enquanto cidadão e académico, sempre tive grandes dificuldades em situar-me sobre esta questão de assimetrias Sul e Norte relativamente ao nosso País. Há uma espécie de caixa russa (aquelas caixas donde sai sempre uma outra caixa mais pequena, num nunca acabar), que nos convida fatalmente a adiar o aprofundamento da questão ou a nos desviarmos para os níveis mais superficiais do problema, às vezes com abordagens bem equivocadas.

Tenho, para mim, que a problemática das assimetrias começa por se situar no plano das representações. Somos um País de fronteiras difíceis para além de artificiais como aliás o são as dos restantes países do continente. A particularidade das nossas fronteiras reside na sua falta de lógica em termos geográficos. O que por si só, lança as premissas de uma "natural" dificuldade de gestão administrativa, política, económica e social. Já António Enes, então Comissário Régio do Reino, no seu famoso relatório ao rei de Portugal, no final do século 19, insistia nesta dificuldade natural. Moçambique, para ele, não era governável, pelo simples facto de possuir um território assimétrico e de difícil planeamento físico. E veja-se que estávamos no início da implantação efectiva da administração colonial, decorrente das decisões da Conferência de Berlim. Portugueses e britânicos conflitavam por causa dos territórios entre o Atlântico e o Índico.

No entanto, vender Moçambique aos ingleses era a proposta mais em voga na época, em Portugal, pois com o dinheiro adquirido era mais proveitoso desenvolver Ango-

la e evitar tormentos inúteis. O rei não vendeu, mas a História informa-nos que cedendo a soberania, alugou algumas terras, e o que parece ter sido apenas um acto de mera transacção temporária de soberania efectiva na administração do território, pode ter se verificado o início de todo um processo de representações mentais do qual sentimos ainda hoje as suas sêquelas. As representações podem, em muitas ocasiões, transformar-se na própria realidade, projectando as imagens em conformidade com a própria subjectividade.

Moçambique é um País pobre, por isso, abordar a realidade relativa a assimetrias, implica focalizar o tipo de assimetria de que estamos a falar. De outro modo, seria generalizar o que não pode ser generalizado.

Em primeiro lugar, sem que isso seja necessariamente um exercício para tentar iludir a questão, devo confessar que as assimetrias são visíveis, podem ser determinadas, que do ponto de vista das infra-estruturas, quer do ponto de vista das condições de vida, quer mesmo do ponto de vista dos recursos humanos. Em segundo lugar, a localização de Maputo no extremo Sul polariza a vida nacional da mesma forma e natureza como se processa esse fenómeno na nossa relação com os países do norte. Assim, grande parte dos jovens estudantes bolseiros do Estado ou não que vem para Maputo estudar nas universidades aqui se fixa, após a conclusão dos seus cursos, insuflando a capital de um número cada vez mais visível de graduados à espera de serem absorvidos pelo mercado de trabalho. Em terceiro lugar, a administração unitária, consagrada

constitucionalmente, debate-se não só com os problemas de natureza geográfica de difícil ordenamento do território que herdámos, como sofre também consequências daquelas assimetrias provenientes das vizinhanças que temos. Em quarto lugar, todo o esforço de se constituir uma consciência moçambicana com base apenas nos valores culturais não pode ter qualquer viabilidade, dada a nossa natureza multitécnica, multicultural e multilinguística. Deste modo, a territorialização, tipo "do Rovuma ao Maputo" terá sido, embora tardiamente, na nossa história contemporânea, o melhor recurso para a interiorização dessa representação. A nossa moçambicanidade vale o que vale a consciência da territorialidade. E o nosso território teve geográfica e historicamente, factores diversos de natureza desagregadora que não estão sendo devidamente equacionados na discussão do problema. É por isso que, partindo de uma real e evidente situação de assimetria, se criaram diversos mitos, uns sonoramente proclamados e outros sussurrados em condições de clandestinidade e conspirativa.

Do meu ponto de vista, o mito de assimetrias alimenta mais a batalha política, agudizando os factores centrífugos, hipotecando o labor em prol da unidade nacional. Assim, no Sul, interioriza-se o mito de que a Norte, mesmo que se queira, dificilmente se encontrará solução para mitigar a questão das assimetrias já existentes. O atraso é tal que se torna evidente e fatal aceitar-se um país a duas velocidades. Por outro lado, a desertificação em recursos humanos, faz daquela região um oásis de mediania sem capacidade nem génio criativo na arte da gestão e governação. Por outro lado no

Norte, interiorizou-se o mito de que o Sul usurpou ilegítimamente os instrumentos que permitiriam a correcção das assimetrias herdadas da administração colonial, retirando da mesa das prioridades a agenda que permitiria na prática, executar o que, no fundo, seria o elemento agregador da consciência nacionalista, isto é, a consciência da dimensão territorial como fundamento da nacionalidade, cidadania e moçambicanidade, resumido no sintagma "do Rovuma ao Maputo".

Se hoje, partindo de Maputo para ir a Zambézia, Nampula, Niassa ou Cabo Delgado, devo passar por um país vizinho, demonstro com isso que o nosso território ainda sofre de sintomas de desagregação, da mesma forma que um recém licenciado em Maputo, natural de Pemba, se recusa a regressar à sua urbe, por "falta de condições".

Até quando é que a realidade continuará a alimentar o mito neste caso das assimetrias?

Há falta de criatividade no nosso seio para enfrentar com coragem esta questão. É preciso que haja real vontade política de inverter a realidade para matar o mito. E são os mitos que alimentam as representações mentais que temos de outrem.

Para mim, é uma ideia, no mínimo, cretina pensar que esta questão se pode resolver apenas no plano do preenchimento de cargos governamentais, como tem sido polarizada a sua discussão. Não é um problema de mais ou menos ministro ou governador. É um problema de foro patriótico. Será que todos sabemos ou sentimos da mesma maneira o que é ser patriota?

* Reitor do Instituto Superior Politécnico e Universitário (ISPU)